

## CONCLUSÃO

Nossos antepassados evoluíram por seleção natural no continente africano, em um meio ambiente espacialmente heterogêneo, com biomas que exigiam comportamentos sociais opostos dos bandos de hominínios: territorial, hierárquico e competitivo nas florestas ricas em recursos naturais; e nômade, igualitário e cooperativo nas savanas mais secas.

Essa configuração evolutiva peculiar levou ao surgimento da cultura como um sistema de herança autônomo em relação à genética, e também ao desenvolvimento de todas as características dos seres humanos modernos que nos diferenciam dos outros animais, como a autoconsciência, a capacidade de internalização de valores e normas sociais, a habilidade cognitiva ampliada e o sofisticado aparato congênito para aquisição da linguagem.

Entre essas características exclusivas, os *Homo sapiens* nascem com uma estrutura mental ambivalente, contendo predisposições comportamentais opostas aos instintos, denominadas arquétipos, que constituem o fundamento psicológico da nossa vida simbólica. Porém, os pensadores iluministas que pautaram a Revolução Francesa e seus desdobramentos históricos desconheciam o caráter genético das estruturas mentais arquetípicas. Assim, ao refutar a autoridade política da Igreja, eles acabaram desenhando sistemas de governo que negligenciam um aspecto essencial da natureza humana, entendida como o conjunto das predisposições comportamentais inatas e universais dos *Homo sapiens*.

A natureza humana é constituída por instintos, que são a memória evolutiva da vida nas florestas e tendem a estabelecer organizações sociais hierárquicas, baseadas na relação de dominação; mas também é constituída por arquétipos, que foram assimilados geneticamente para viabilizar a vida nômade nas savanas, em grupos sociais pacíficos e igualitários. Essas predisposições comportamentais opostas – instintos e arquétipos – tensionam permanentemente a vida mental dos seres humanos, cuja estabilidade psíquica depende do equilíbrio entre elas.

Nos sistemas políticos laicos, os instintos são a base psicológica das ideologias de direita, “conservadoras”; enquanto os arquétipos fundamentam as posições de esquerda, “progressistas”. Assim, processos de polarização política representam uma regressão da sociedade a fases arcaicas da evolução humana (especificamente às organizações sociais simples, características dos gradientes culturais).

O equívoco dos pensadores políticos iluministas é a origem histórica da vulnerabilidade das democracias laicas contemporâneas à polarização ideológica, uma vez que elas não refletem a estrutura mental inata dos seres humanos, não favorecem a estabilidade psíquica da população e tendem mesmo a criar dinâmicas coletivas que incentivam a radicalização política.

Essa grave deficiência das democracias laicas contemporâneas pode ser sanada por uma reforma estrutural de suas instituições, no sentido de favorecer a conciliação e o equilíbrio perene entre instintos e arquétipos. Tais reformas podem, em princípio, preservar o secularismo do Estado, mas devem considerar cuidadosamente as bases genéticas profundas dos processos de polarização política.